

Mesa-Redonda: MULHERES NA CIÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

23/07/2019 - das 15h30 às 18h00

Coordenadora: Roseli de Deus Lopes (USP)

Palestrantes: Eliade Ferreira Lima (UNIPAMPA) e Letícia de Oliveira (UFF)

O desafio do assédio sofrido pelas mulheres na ciência¹

Eliade Lima (UNIPAMPA)²

Nos últimos anos, o problema do baixo número de mulheres nas áreas STEM e o efeito tesoura tem tido destaque nos diferentes canais de comunicação do meio acadêmico e fora dele. Tal discussão tem sido motivada pelo 5º objetivo da agenda 2030 da ONU, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderamento de todas as mulheres e meninas. Como resultado, o incentivo à participação de meninas em projetos das áreas das ciências exatas e tecnológicas tem sido foco de editais de incentivo à divulgação científica promovidos pelo MCTIC e pelas demais agências de fomento. Mas diante do cenário de incentivo ao acesso público feminino às ciências, temos o seguinte questionamento: como erradicar o assédio sexual e moral sofrido pelas mulheres na academia e evitar, de forma eficiente, que estas desistam da carreira em função dos obstáculos hierárquicos de gênero?

Tal questionamento surge da análise do maior relatório³ já produzido sobre assédio sexual na ciência dos EUA, publicado em 2018 como resultado de dois anos de trabalho de um comitê de 21 especialistas e 36 campi das universidades do Texas e do estado da Pensilvânia com 311 páginas. Em que notou-se um abuso sistemático em que mais da metade das mulheres das áreas de Ciência, Medicina e Engenharia já sofreram ou estão sofrendo algum tipo de assédio. Ainda de acordo com o relatório, mais de metade das mulheres nessas três áreas, e em todos os níveis (alunas e professoras), já sofreram algum tipo de assédio – trabalhista, sexual ou ambos –, abusos, agressões sexuais, desprezo ou menosprezo profissional e pessoal durante sua formação ou no exercício da profissão. Já no Brasil, conforme pesquisa realizada pelo Datafolha⁴ e publicado pelo Huffpost Brasil em dezembro de 2017: 5 em cada 10 adolescentes e jovens mulheres já sofreram assédio sexual. O que implica numa proporção de 56% das mulheres com 16 e 24 anos. O ambiente de trabalho e os espaços da escola/faculdade são os locais de ocorrência do assédio. Conforme a pesquisa, 15% no ambiente de trabalho e 10% na escola.

Dessa forma, temos que o assédio sexual contribui direta e indiretamente para a desistência das mulheres na carreira científica e acadêmica. Tornando-se necessária a discussão desse problema nos ambientes que até então pareciam blindados. Esta apresentação questiona quais são as iniciativas tomadas pelas gestões acadêmicas para evitar que este tipo de crime ocorra com suas servidoras e alunas. Questiona-se também o que tem sido feito pelas agências de fomento quanto às bolsas e auxílios concedidos a pesquisadores acusados e/ou investigados por assédio. Tomando como exemplo a decisão histórica da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos (NAS) que anunciou em junho de 2019 a expulsão de membros da instituição acusados por assédio sexual.

1 Resumo da apresentação na Mesa-Redonda Mulheres na Ciência: desafios e perspectivas apresentada na 71ª Reunião Anual da SBPC.

2 Doutora em Ciências - Astrofísica (UFRGS), Mestre em Física (UFABC), Licenciada em Física (UESB). Professora do curso de Ciências da Natureza-UNIPAMPA. E-mail eliadelima@unipampa.edu.br.

3 National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine 2018. Sexual Harassment of Women: Climate, Culture, and Consequences in Academic Sciences, Engineering, and Medicine. Washington, DC: The National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/24994>.

4 DATAFOLHA. Assédio sexual entre as mulheres. *Instituto de Pesquisa Datafolha*, Opinião Pública, dossiês. São Paulo, dez. de 2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/12/1945636-42-das-mulheres-relatam-ja-ter-sofrido-assedio-sexual-aponta-datafolha.shtml?loggedpaywall>>